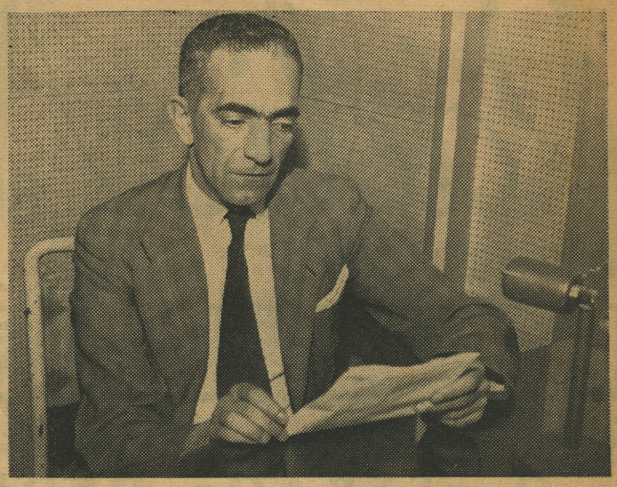
UMA PALESTRA DA SÉRIE «RENOVAÇÃO DO GÔSTO»

ALMADA NEGREIROS FEZ CONSIDERAÇÕES NUM PREÂMBULO CURTÍSSIMO COMO MANDA O TEMPO



ALMADA NEGREIROS PROFERINDO A SUA PALESTRA

E' indispensável não haver outra responsabilidade a não ser a de que achem bonito o que se vai dizer, para poder aceitar-se êste convite de participação num programa de bom gôsto.

Mas, achar que uma cousa é bonita difere um mundo de fazer a cousa que outros achem bonita. Tremenda a profissão de fazer sempre cousas bonitas! E' assim parecido com o fingir que não perdemos o Paraíso; um constante ignorar a Desgraça; ver tudo côr de rosa!

Se se meditar a posição do artista na sociedade, logo se verá que ela é precisamente a de fazer cousas bonitas. Quere dizer: a alegria é para distribuir por todos, mas o seu preço é a custas da Arte. O valor mais caro do mundo: a alegria!

Fica sómente discutível o que se entenderá por «bonito»; mas, quando se diz: «gôstos não se discutem», a sentença é exacta e significa que é apenas legítimo o gôsto de cada um, porque o Bom Gôsto rege os de todos.

Como se vê, o «bonito» fica á mão de todos e é o b-á-bá do Bom-Gôsto, como por sua vez o Bom-Gôsto é o b-á-bá do Belo em Arte. Há, por conseguinte, no «bonito» um sentido vital e de que havemos de dar-nos bem conta. Foi sem duvida êste sentido vital do «bonito» que levou Cezanne a dizer: «Ninguém se ria de que o povo ache lindos os cromos». «Lindo» não é bem sinónimo de «bonito», mas por tal se toma usualmente. Cada um tem o seu matiz próprio no mesmo serviço á causa do Belo em Arte: «Bonito» é um mero vocativo de agrado; «lindo», além do agrado, já implica admiração e até arrebatamento. Mas isto é pura constatação e talvez a não confirmem os dicionários, fazendo-os simplesmente sinónimos. Adiante.

Iamos em que há um sentido vital no «bonito». Ora um sentido vital presupõe logo outro que o não seja, ainda que ambos façam parte da mesma essência ou substancia. Assim é que numa unica palavra temos ao mesmo tempo o bom e o mau, o amigo e o carrasco, a Vida e a Morte: De Modo que: Bonito, sim, mas devagar!

Por mais dispares que sejam entre si as várias maneiras de existir, haverá sempre possível um acôrdo comum onde todos se reunirão com a condição de não abdicarem de si mesmos. Daqui nascem todas as interpretações do «bonito» e a edificação do Bom-Gôsto. Mas não esqueçamos nunca que o «bonito» não é senão disparo, e que o Bom-Gôsto não é a meta final. O Belo acena-nos sempre que não cristalizemos em definitivo o «bonito» e o Bom-Gôsto.

A tendência pessoal para festejar vitórias antes de tempo, deve ser corrigida por êste aviso trágico de Marinetti:

«O' terrível lei da Natureza: Tudo o que cheira bem, morre!»

Porque, quási sempre, é a Debilidade em pessoa que se veste de «bonito» e de Bom-Gôsto, e a título de um e de outro pega-nos a debilidade.

Se o «bonito» e o Bom-Gôsto não estivessem em direcção ao Belo, eramos todos condenadas de ficar pelo caminho.

Toda a sinceridade que punhamos no «bonito», toda a experiência que tenhamos no Bom-Gôsto, se elas não nos deixam a passagem livre para diante, para mais, para não nos repetirmos, para o Belo, melhor fôra não terem nascido.

Não há ciência no «bonito» e no Bom-Gôsto, mas há uma obediência cega a um á vontade perpétuo entre nós e o universo.

Se alguém já alguma vez achou bonito o quere que fôsse, pode estar certo de que desde êsse momento caiu esta duvida no seu destino: O Belo ou o Incompleto!

Porque o contrário de Belo é o Incompleto, o Deficiente, o que se acaba antes de tempo, o que não vai até ao fim! O Feio é efectivamente um desprazer estético, um desagrado plástico, mas vem precisamente da maneira como a Forma se aparta de uma missão.

De modo, se alguma vez o «bonito» ou o Bom-Gôsto te satisfizerem ao menos poupa aos outros êsse triste espectáculo!

O legítimo direito de agradar tem tal avidez de comunicação e de vitória que os melhores dão consigo em vendilhões. O «bonito» e o Bom-Gôsto, de Via-Lactea-terrestre passam a constelações da grandeza de tendinhas com imposto municipal. Novidades e antiguidades, já está tudo avaliado de antemão pela unica fortuna que ainda ficou neste mundo: a fortuna redonda, redonda e sonora, sonora a cunhada, cunhada e legal!

Que o «bonito» e o Bom-Gôsto tivessem sido um dia o peculio para uma fortuna de melhores dias que os nossos, já ninguem tem tempo sequer para ter a memória disso. Hoje o existir está a cavalo no viver. A maneira já não se nota. E quem não gosta, que abstraia!

O «bonito» e o Bom-Gôsto passaram de iniciações de Arte, de metamorfose do Belo, para tápa-olhos de êxito, com carruagem melhor que o seu destino, mais valioso o veículo que o passageiro!

A humanidade faz gala em escarnecer da sua própria memória. Está suspensa até nova ordem toda a ancestral continuidade das gentes. O unico que ainda se teme é o mêdo, mêdo gerado afinal pelo próprio abandono que cada qual se vota a si mesmo. Estão todos á espera que a confiança lhes nasça do chão!

Aqueles que se têm na conta de obedientes são os primeiros a ignorar que a Arte é o sentido Vital da Vida. Pobre gente que se resigna a viver sem gôsto, sem gôsto de viver! Sem deixar em cada pégada um sinal bonito a fazer o guia na correnteza do Bom-Gôsto! A Arte é a memória da Vida; deixemos sinais bonitos pelo caminho numa enfiada de Bom-Gôsto. Mas já se foi a fome de viver.

Ressusditemos primeiro a fome de viver!

Não consintamos em ficar êstes restos, estas maneirinhas soltas, estas migalhas salteadas da nossa civilização adiada até mais viver! Adiada por nós, não tenhamos duvidas!

Perdemos a memória do nosso antigo quotidiano! Ficámos apenas com a recordação dos grandes feitos e dos grandes acontecimentos do ditado; mas o exercício de evocação não se completa senão com o acompanhamento físico dos nossos actos quotidianos. Para estoirar com a rotina não basta saber de cór a lição do Passado, também é necessário da nossa parte uma mímica quotidiana que corresponda hoje ao viver saboreado de antemão por aqueles que prepararam o nosso modo quotidiano de existir.

Devido a uma aceitação excessiva da arqueologia em prejuízo da arte de criação é que o «Bonito» e o Bom-Gôsto perderam aquele sentido vital que lhes é próprio. Ora o Bom-Gôsto não é nenhum cavalo de cortezias, nem cerimonial de salamaleques, mas antes pelo contrário uma discreção, até uma isenção propositada de deixar bem a descoberto o fim enquanto se vai a caminho.

Não tiremos do Passado senão o exemplo, e é o unico que lhe poderemos tirar.

Buscando sermos os autores do Presente não caiamos em actores do Passado.

A Estação do Rocio, no centro da Capital, é a prova da falta de fé na Arte dada pelo elemento oficial. Ao arquitecto foi-lhe imposto que o edifício dos Caminhos de Ferro fôsse em estilo Manuelino! Isto é, quiseram oficialmente garantir-se com o Bom-Gôsto.

Pois aí o têm para córarmos.

Mas quando aparece de facto o Bom-Gôsto é tão inesperado que o nome que lhe dão é o de Bomba, e se Bomba não basta fica ainda uma catrefa de nomes perigosos até que se cale.

Por estas e por outras meti-me a inventar um aparelho cuja aplicação consistisse em fazer distinguir de uma vez para sempre o Bom-Gôsto do Mau-Gôsto. Depois de muitos anos de trabalho encontrei o segrêdo, mas em vez de aparelho era uma frase. Ei-la:

Mau-Gôsto: chita a imitar sêda. Bom-Gôsto: sêda a imitar chita.

Até agora esta frase nunca falhou, mas hoje acabaram-se os dez mi[nutos]

ALMADA NEGRE[IROS]

CRÓNICA